



## Populações Negras e Produção Acadêmica sobre Educação Escolar Quilombola

*Alan Alves-Brito<sup>1</sup>, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Física, Porto Alegre, RS, Brasil*

*Carla Beatriz Meinerz<sup>2</sup>, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil*

*Eráclito Pereira<sup>3</sup>, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil*

*Lueci da Silva Silveira<sup>4</sup>, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil*

**Resumo:** O artigo analisa os caminhos da intelectualidade negra e sua inserção na produção acadêmica que aborda a Educação Escolar Negra e Quilombola, referenciando teoricamente os saberes emancipatórios construídos nas lutas sociais. Apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa-ação-crítico-colaborativa, enfocando a dimensão epistêmica da produção do pensamento das populações negras e quilombolas, organizadas e ocupando espaços de poder e saber; Integra revisão bibliográfica, considerando os obstáculos da política de indexação e ressalta a presença majoritária de mulheres negras nas produções acadêmicas sobre educação escolar quilombola, com aumento a partir de 2016 associados à Educação das Relações Étnico-Raciais.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências. Professor Adjunto - Instituto de Física da UFRGS. Participante do grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física do Programa de Pós-Graduação em Física da UFRGS. <https://orcid.org/0000-0001-5579-2138>

<sup>2</sup> <http://orcid.org/0000-0002-9270-8705>

<sup>3</sup> Professor Adjunto no Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS). Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS). Griô Aprendiz em formação pela Escola de Formação na Pedagogia Griô..

<https://orcid.org/0000-0002-2348-8104>

<sup>4</sup> <http://orcid.org/0000-0001-6285-4667>

**Palavras-chave:** Educação; População Negra; Povos Quilombolas; Pesquisa Científica.

## **Black Populations and Academic Production About Quilombola School Education**

**Abstract:** The article analyzes the pathways of black intellectuality and its insertion in academic production that addresses Black School Education and Quilombola, theoretically referencing the emancipatory knowledge built in social struggles. It presents partial results of a collaborative-critical-action-research project, focusing on the epistemic dimension of the production of thought by organized black and quilombolas populations, occupying spaces of power and knowledge. It integrates a bibliographic review, considering the obstacles of the indexing policy and highlighting the majority presence of black women in academic productions on quilombola school education, with an increase from 2016 onwards associated with Education of Ethnic-Racial Relations.

**Keywords:** Education; Black Population; Quilombola Peoples; Scientific Research.

## **Les populations noires et leur production académique sur l'enseignement obligatoire quilombola**

**Resumé.** Cet article analyse les voies de l'intellectualité noire et son insertion dans la production académique qui aborde l'éducation obligatoire noire et Quilombola, faisant théoriquement référence aux savoirs émancipateurs construits dans les luttes sociales. Celui-ci présente les résultats partiels d'un projet de recherche collaborative-critique-action, axé sur la dimension épistémique de la production de pensée des populations noires organisées et des quilombolas occupants des espaces de pouvoir et de savoir. Il intègre une revue de la littérature, en considérant les obstacles de la politique d'indexation et en mettant l'accent sur la présence majoritaire de femmes noires dans les productions académiques sur l'éducation obligatoire quilombola, avec une augmentation depuis 2016 associée à l'éducation aux relations ethniques et raciales.

**Mot-clés:** Education; Population Noire; Peuples Quilombolas; Recherche Scientifique.

## **Poblaciones Negras y Producción Académica Sobre la Educación Escolar Quilombola**

**Resumen:** El artículo analiza los caminos de la intelectualidad negra y su inserción en la producción académica que aborda la Educación Escolar Negra y Quilombola, referenciando teóricamente el conocimiento emancipatorio construido en las luchas sociales. Presenta resultados parciales del proyecto de investigación-acción-crítica-colaborativa, centrado en la dimensión epistémica de la producción de pensamiento de poblaciones negras y quilombolas organizadas, ocupando espacios de poder y conocimiento; Integra una revisión bibliográfica, considerando los obstáculos de la política de indexación y enfatiza la presencia mayoritaria

de mujeres negras en las producciones académicas sobre la educación escolar quilombola, como un incremento a partir de 2016 asociado a la Educación en Relaciones Étnico-Raciales.

**Palabras-clave:** Educación; Población Negra; Pueblos Quilombolas; Investigación Científica

## Introdução

O pensamento negro brasileiro possui cânones de destaque nacional e internacional, tais como: Maria Beatriz Nascimento, Lélia González, Abdias Nascimento, Alberto Guerreiro Ramos. Nomeamos esses intelectuais, que já não estão mais entre nós, como expressões de uma inteligência negligenciada no *ethos* de uma comunidade acadêmica historicamente dominada pela colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2005) e pela brancura como patologia social presente nas relações raciais no Brasil (Ramos, 1995). A carga milenar de significados pejorativos vinculados às populações negras no Brasil contrasta-se com a exacerbação das virtudes das populações brancas, fundamentada na assertiva abaixo formulada de forma seminal na década de 50 do século XX:

Para garantir a espoliação, a minoria dominante de origem europeia recorria não somente à força, à violência, mas a um sistema de pseudo justificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica. A afirmação dogmática da excelência da brancura ou a degradação estética da cor negra era um dos suportes psicológicos da espoliação (Ramos, 1995, p. 220).

Esse fenômeno acontece também na produção acadêmica, uma vez que a universidade brasileira é composta majoritariamente por pessoas brancas; não obstante, as ações das populações negras e quilombolas nitidamente têm conseguido romper esse ciclo de espoliação e violência epistêmica. Historicamente, a partir do colonialismo no Brasil, convivemos com uma congregação de condições históricas e estruturais que consolidam o poder na dominação de pessoas e grupos de ascendência europeia, capazes de impor uma visão do mundo a partir de si e de suas concepções de mundo. Tal predominância em espaços de poder e de saber não foi capaz de suprimir a potência das epistemes, modos de ser e de sentir das populações negras e quilombolas. O protagonismo das ações destas populações, organizadas em



movimentos diversos de lutas por liberdade e emancipação, desde o período colonial, atravessando o pós- abolição e se fortalecendo a partir das últimas décadas do século XX, justifica a produção acadêmica para a qual dedicamos nossa escrita.

Nilma Lino Gomes (2017a, p. 129-130) afirma que

[...] a organização dos negros e negras desde a escravidão até o Movimento Negro da atualidade é capaz de suscitar um tipo de subjetividade desestabilizadora que desvia do conformismo perante o racismo para a subversão, superação do mesmo e para construção de políticas públicas radicais de igualdade racial (Gomes, 2017a, p. 129).

Nosso estudo se insere em um projeto de pesquisa aplicada sobre a política pública nomeada Educação Escolar Quilombola (EEQ) e seus impactos na produção acadêmica das pessoas negras e quilombolas no campo da Educação. Na qualidade de contorno de uma pesquisa mais ampla, destaca a pretensão de um diagnóstico quali- quantitativo da EEQ no Brasil, desenvolvido por meio de coletivos que reúnem pesquisadores, educadores das escolas, comunidades quilombolas e Movimentos Sociais. O estudo tem sido guiado pela teoria das práticas e invenções cotidianas referendadas em metodólogos do campo das Ciências Humanas (Goldenberg, 2004). Inspira-se na prática da pesquisa-ação-crítico-colaborativa, proposta por Pimenta (2005), no que tange, especialmente, ao objetivo de produzir e socializar conhecimentos que não sejam úteis apenas para a coletividade diretamente envolvida na pesquisa, mas que possibilitem certo grau de generalização. Integra revisão bibliográfica compilando teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em bancos como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e, ainda, em bases de instituições de ensino superior do sul do Brasil. Igualmente, busca artigos em periódicos (SciELO), apresentação em eventos de Associações Nacionais e publicação nos Currículos de pesquisadores com mestrado e doutorado na Plataforma Lattes do CNPq.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), buscando o entrecruzamento destes com publicações em periódicos indexados na SciELO e nas Revistas das Associações. O marco temporal da análise abrange prioritariamente o

ano de fundação da ABPN (2000) e do Grupo de Trabalho (GT) 21 da ANPEd (2001), porém, aprecia com mais detalhes os movimentos realizados a partir da homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ, BRASIL, 2012).

Além disso, consideramos o trabalho de sistematização, e posterior análise da produção acadêmica, realizado no Estado da Arte produzido sobre Quilombos e Educação (Miranda *et al.*, 2018), que sistematizou e analisou a produção acadêmica de 2003 até 2014 por meio da análise das teses e dissertações realizadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação e dos periódicos Qualis A e B na área da Educação. Miranda *et al.* (2018) mapearam nove teses, 40 dissertações e 24 artigos sobre a temática, que levaram ao marco analítico centrado em quatro categorias: conceito e concepções de quilombos; identidade quilombola; quilombos e educação; conceitos emergentes; lacunas a preencher. Considera-se ali a produção realizada por uma maioria de mulheres, em perspectiva de observação mais da comunidade e menos da escola que a serve. Nas observações sobre a escola, destaque, segundo as autoras, a falta de uma relação com os conhecimentos emanados das comunidades. Naquele levantamento, ressaltam-se dois trabalhos que tratavam especificamente da escola e que foram realizados no sul do Brasil, embora a maior parte da produção se concentrasse no nordeste do país.

O Movimento Social Negro e Quilombola já vinha observando lacunas e fazendo acontecer o preenchimento delas, pelas mãos de intelectuais negras comprometidas com a produção de políticas públicas, notadamente as que se oficializaram em 2012, como EEQ, em íntima relação com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Ambas são compreendidas na qualidade de ações afirmativas no campo do currículo e de sua descolonização (Gomes, 2012; XXX, 2020), capazes de contribuir para uma democratização da Educação ao tratar saberes e fazeres ligados de afirmação positiva dos corpos e dos territórios marcados pela experiência da diáspora africana no Brasil.

Descrevemos, na sequência, os caminhos analíticos percorridos e a defrontação com dificuldades da indexação acerca da produção acadêmica sobre EEQ.



## **Políticas de Indexação e Desafios para a Eclosão da Episteme Negra e Quilombola nos Espaços Acadêmicos**

A produção de conhecimento é construída por meio de informações, experiências e diversas influências originadas por discussões teóricas e por práticas sociais observadas e vivenciadas por meio do diálogo absorvido diante o objeto de estudo. A produção de conhecimento sobre a temática afro-brasileira, africana e

quilombola aumentou de forma expressiva com o surgimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão nas universidades. Ao mesmo tempo em que a ampliação de forma significativa trouxe novas abordagens e diversidade epistemológica (Gomes, 2012), pesquisadores(as), em suas estratégias de busca nos sistemas de informação universitários, encontraram em seus percursos diferentes graus de dificuldade na definição do melhor termo a ser utilizado nessas pesquisas.

Desta forma, as lacunas se fazem também nos entraves encontrados através das convenções que operam na delimitação dos indexadores de buscas de literatura acadêmica. Falar em indexação implica a preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos (Lancaster, 2004). Embora o pesquisador e teórico mencionado esteja ligado à área da Biblioteconomia, não vamos aqui adentrar a atribuição de indexação propriamente dita, pois estaríamos desviando do foco e dos propósitos deste artigo. Da mesma forma, é necessário esclarecer que este tema dentro da área exige um estudo e trabalho complexos para que a comunicação seja efetiva entre sistema de informação e usuário(a)/pesquisador(a). Contudo, faremos menção a alguns conceitos e abordagens intimamente relacionados à prática de indexação para explicitar o processo e prática em si de busca, tendo em vista uma das autoras ter sua formação na área de Biblioteconomia.

Retomando o exposto acima, é importante que se compreenda que o currículo (Gomes, 2012) é a maior estratégia contra o apagamento de autorias negras, apagamento de conceitos e de apropriações não creditadas. Com o avanço do vocabulário colonial, as referências afrocentradas foram sendo desvalorizadas, negadas e ocultadas dos espaços acadêmicos. Deste modo, contribuições do continente africano, da diáspora africana e da população negra brasileira foram sendo acobertadas nesta biblioteca colonial, a qual



muito frequentamos. Apagamento e esquecimento, aqui, têm definições tão semelhantes.

O esquecimento torna-se cada vez mais presente quando essas práticas não aplicam à cultura afrocêntrica os mesmos parâmetros utilizados nos processos de classificação, indexação e catalogação da cultura eurocêntrica, justificando que os temas de interesse do povo negro não são universais. Essas práticas caracterizam-se como processo de exclusão que elegem uma língua universal que exprime um conhecimento desvinculado das necessidades de informação que o usuário precisa (Aquino; Alves, 2012, p. 903).

Aquino e Alves (2012) ressaltam, em termos de organização e representação da informação, que as bibliotecas e repositórios não perceberam devidamente a presença de novos sujeitos concretos que tivessem seu histórico forjado nas manifestações de reivindicação de políticas públicas que visavam à correção de desigualdades sociais e injustiças históricas.

Para explicar a experiência em busca que contemplasse essa episteme negra e quilombola, nos colocamos perante situação de busca. Por meio do projeto de pesquisa colaborativo, mencionado em nota acima, direcionamo-nos para o exercício de pesquisa em bases de dados, realizado no primeiro semestre de 2021, elencando os resultados parciais. Como recorte inicial, a proposta de busca nas bases de dados privilegiou a estratégia a nível nacional e, para melhor entendimento, o passo a passo seguiu de forma descritiva, esboçando como vai se contornando o processo de busca em pesquisa que nem sempre nos oferece resultados com precisão.

A BDTD oferece opções de campos para a busca avançada. O Catálogo de Teses e Dissertações da Capes apresenta, em sua página inicial, opção de busca em um campo geral, restringindo resultados que prevemos em etapa inicial, proporcionando poucas possibilidades para refinamento. O Catálogo da Capes é a base de dados mais completa, tanto que é recomendada pela maioria de instituições federais de ensino no país na busca por esses tipos de produções. Contudo, oferece uma dimensão vasta de resultados, implicando na dificuldade em selecionar as produções que mais possam contemplar os termos específicos definidos pelo(a) pesquisador(a). A estratégia de nossa busca, em seu princípio, definiu os termos “Educação Escolar Quilombola” e “Educação Quilombola” na pesquisa. Pela BDTD,



com os termos “Educação Escolar Quilombola” e “Educação Quilombola”, foram localizados 11 e 67 resultados, respectivamente, para dissertação como tipo de documento.

Pelo Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com os mesmos termos, foram localizados mais de 100 mil resultados para o tipo de documento Dissertação e mais de 30 mil para Teses. Neste caso, quando o resultado se tornou exaustivo foi preciso avançar na estratégia com o uso de operadores de busca, pois não chegávamos ao tema da EEQ. A segunda estratégia de busca consistiu na mudança dos termos. Essa atualização dos termos foi discutida por membros do grupo de pesquisa, onde ficaram definidos “Educação em Quilombos”, “Educação Escolar Quilombola” e “Educação e Quilombos” como os próximos termos a serem utilizados no campo assunto. Nessa segunda estratégia, o recorte de datas escolhidas contemplou os anos entre 2012 e 2020. Inicialmente 2012, pois foi o ano em que foram implementadas as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Escolar Quilombola (DNCEEQ), o que não implica afirmar que as produções sobre EEQ tenham avançado apenas a partir deste ano de implementação. A discussão para implementação das DNCEEQ é oriunda de toda uma caminhada, incluindo a articulação entre movimentos sociais negros e quilombolas (Gomes, 2017a), debates e redes de intelectuais negras e negros que reivindicavam o direito à educação dos povos quilombolas (BRASIL, 2012). Nessa segunda estratégia, os resultados foram muito semelhantes aos obtidos na estratégia inicial. Chegou-se a 11 resultados para dissertações pela BDTD para busca avançada entre “Escola em Quilombos” *ou* “Educação escolar quilombola”; no mesmo tipo de documento, foram 4 resultados na busca avançada entre “Educação escolar quilombola” *e* “Educação e quilombos”. Tendo a produção Tese como documento, foi recuperado 1 resultado na busca avançada entre “Escola em Quilombos” *e* “Educação escolar quilombola” *e* “Educação e quilombos”; para o mesmo tipo de documento, foram recuperados 20 resultados na busca avançada entre “Educação escolar quilombola” *ou* “Educação e quilombos”.

É importante frisar que os sistemas de bibliotecas e repositórios trabalham com suas políticas de indexação, extraindo os assuntos dos documentos que estejam em conformidade com o vocabulário controlado (Lancaster, 2004) de suas áreas, ou





seja, de acordo com a constituição de termos organizados através de estrutura relacional. Os sistemas de informação têm autonomia para escolha de mecanismos e recursos que auxiliem na definição de seus termos. Na XXX, por exemplo, pela maioria dos autores desta escrita estarem vinculados, existe o Sistema de Bibliotecas da XXXX (XXX) e, em sua composição, constam 28 bibliotecas setoriais. Assim sendo, as bibliotecas têm autonomia na criação de diretrizes e políticas de indexação, somando-se o trabalho de

modo colaborativo. Ou seja, nem sempre as palavras-chave empregadas pelos autores em suas teses e dissertações serão registradas como assunto específico nas planilhas dos sistemas de bibliotecas. A definição terá validação nas planilhas de preenchimento após consulta em sistema definido pela área dos cursos os quais atendam, ou seja, mediante consulta à terminologia para a área do conhecimento. Como a determinação é definida por políticas, envolve debate, e os atores envolvidos nesse trabalho de construção da política podem ser docentes, discentes, núcleos e departamento de estudos, pesquisadores e demais cientistas atuantes nessa área do conhecimento. Trata-se de uma construção coletiva, que requer trabalho integrado, colaborativo, abrangendo tanto os gerenciadores do sistema de informação quanto os(as) pesquisadores(as)/usuários(as) da informação. E esse ciclo nunca é fechado. Qualquer que seja a política adotada, a atualização deverá seguir periodicamente. É fundamental enfatizar que a discussão sobre relações raciais no Brasil é permeada por uma diversidade de termos e conceitos (Gomes, 2017b), o que reforça a proposta de criação de um instrumento de organização da informação. A autora reforça que “O uso destes, muitas vezes, causa discordâncias entre autores, intelectuais e militantes com perspectivas teóricas e ideológicas diferentes e, dependendo da área do conhecimento e do posicionamento político dos mesmos, pode até gerar desentendimentos” (Gomes, 2017b, p. 39). Tal diversidade de termos e conceitos caracteriza os desafios de criação de uma política singular no que se refere ao vocabulário controlado para indexação da EEQ em bancos de dados e pesquisas.

Nesse sentido, apontamos para o desafio de investir na proposta de um instrumento de organização de referência voltada para a temática da Educação das Relações Étnico-Raciais, no intuito de estar em sintonia com as necessidades de informação dos(as) pesquisadores(as) na busca por fontes informacionais sobre a



História e cultura africana e afro-brasileira. Se refletirmos de maneira colaborativa, é uma proposta que pode prosperar. De forma a contemplá-la, trazemos o estudo de Lima (2016), em sua dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. A pesquisadora objetivou construir um Cabeçalho de Assuntos sobre estudos africanos e afro-brasileiros para o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e disponibilizá-lo por meio de um *software* livre. O Cabeçalho foi o instrumento pensado para a organização do conhecimento, bem como um auxílio na disposição de informações, possibilitando o controle vocabular e maior facilidade na recuperação precisa da informação.

Corroborando para os desafios, pode-se ampliar o diálogo com a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, ambas as bases de dados mais pesquisadas pelas universidades, sendo essa última uma das mais consultadas pelas instituições federais de ensino. Salienta-se a importância de buscar se reunir com as coordenadorias dos Cursos de Pós-Graduação, que trabalham mais diretamente com a Plataforma Sucupira, sistema de coleta de informações, análises e avaliações a serem utilizadas como base padronizadora do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) brasileira. “A Plataforma disponibiliza informações, processos e procedimentos que a CAPES realiza no SNPG para toda a comunidade acadêmica” (Plataforma Sucupira, 2016). Essa conversa não leva apenas em conta suas atribuições nesse fornecimento e troca de informações, mas traz a relevância do currículo, pois, conforme apontado anteriormente, o currículo tem sua essência nisso tudo. Ele atua no resgate de referenciais, reformulando as estruturas curriculares e suas atividades de ensino e é uma costura e diálogo necessários para emergir a diversidade epistemológica presente na Universidade.

Coadunamos tal desafio com a busca pela temática “Educação escolar quilombola” em publicização nos Currículos de docentes com mestrado e doutorado pela Plataforma Lattes/CNPq, no campo da Educação, observando neste grupo a maior quantidade de produção acadêmica. Há trabalhos de orientação de TCC, conferências, projetos de extensão e alguns poucos artigos publicados em revistas com menor expressão acadêmica.



## A Produção Negra Quilombola na ANPEd

A lei 10.639/03 é a culminância de um histórico processo de luta por uma educação antirracista e, ao mesmo tempo, uma inflexão política. A partir dela, a superação do racismo e a garantia de direitos para a população negra foram instituídas oficialmente nas políticas e práticas educacionais (Gomes, 2018, p. 15).

As políticas públicas que resultam das demandas sociais e das lutas das populações negras reverberam na produção científica no campo da Educação. Uma das maneiras de observar como acontece essa reverberação se faz pela análise das produções realizadas nos encontros nacionais da ANPEd, fundada em 1978. Segundo a página da Associação na Internet, que apresenta sua organização na forma de Grupos de

Trabalho (GT), o GT 21 da ANPEd, intitulado a partir de 2009 “Educação e Relações Étnico-Raciais”, foi criado oficialmente na 24ª Reunião Anual da Associação, em 2001, então nomeado como “GT Estudos Afro-brasileiros e Educação”. O Grupo é integrado por pesquisadores e pesquisadoras negros/as e não negros/as, cuja produção científica está localizada na área das Relações Étnico-Raciais e Educação. Desde 1996, a ANPEd contou com a presença de intelectuais negros/os e não negros/os, que pesquisavam temas relativos às matrizes teóricas e epistemológicas étnico-raciais e indígenas que demandavam outro protagonismo para estas pesquisas no interior da Associação, nas suas produções, pesquisas e posicionamentos políticoacadêmicos. A partir da fundação do GT 21, as pesquisadoras e pesquisadores puderam contar com um espaço próprio para debates, proposições e encaminhamentos específicos da área das relações étnico- raciais e educação, o que, até então, não existia, na medida em que a temática e as pesquisadoras/es encontravam-se dispersas nos demais GT.

É no interior desse GT que as produções acerca das populações negras, quilombolas e indígenas vão encontrar maior ressonância e debate. Parece que já podemos ver aqui um movimento dos intelectuais conectados com o pensamento afro- diaspórico e dos povos originários. O GT 21 tem interface com outras agremiações negras, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABS), o

Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (CONNEAB), a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN), entre outros.

O GT 21 possui cerca de quarenta grupos de pesquisa vinculados, mas nenhum faz menção direta à educação, quilombo ou educação escolar quilombola em seu nome. O processo de adensamento e diferenciação de pesquisas específicas destinadas a compreender as práticas e as demandas da EEQ é um dever do qual fazemos parte como protagonistas aliados às lutas pela emancipação quilombola em nosso país. Tal aliança se faz na medida do diálogo com as Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ), aqui compreendidas como protagonistas nos processos e múltiplas em suas experiências de relações com as instituições escolares. Referenciamos o estudo de Santana et al. (2016) acerca da produção do GT 21/ANPEd sobre Educação Escolar Quilombola. Para os pesquisadores, faz-se necessário

[...] compreender como cada comunidade quilombola tem se apropriado da escola parece ser o grande desafio das pesquisas que estão por ser feitas e isso exige cautela e respeito a essas comunidades, posto que a escola, ao longo do tempo, tem se configurado como o espaço de negação da cultura desses sujeitos e de suas identidades étnico-culturais (Santana *et al.*, 2016, p.141).

A análise sobre 165 comunicações orais apresentadas no GT 21 da ANPEd, de 2002 a 2015 (Santana *et al.*, 2016), demonstra que “somente 13 tinham como ‘objeto’ de estudo comunidades quilombolas, sendo que 12 estavam relacionados à educação escolar quilombola” (Santana *et al.*, 2016, p. 143).

Trata-se de um número ainda embrionário, mas consideramos que os relatórios das Reuniões Nacionais da ANPEd evidenciam o aumento desse cômputo de trabalhos. No ano de 2010, o Relatório de atividades da 33ª Reunião Anual destaca o seguinte Informe: “Informe CNE – Conselheira Nilma Lino Gomes. Processo de indicação e organização de lista tríplice. Câmara de Educação Básica: Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola. Audiências públicas ocorreram, uma em Brasília e outras em outros estados”. No ano de 2011, no Relatório de atividades da 34ª Reunião Anual, há uma comunicação intitulada “Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências”, por Shirley Aparecida de Miranda (UFMG). Com esse mesmo título e autoria (Miranda, 2012), encontramos a única publicação específica sobre EEQ na Revista Brasileira de Educação (RBE), o periódico de publicação em fluxo contínuo da ANPEd, em busca por artigos realizada



no portal SciELO. A RBE circula no meio acadêmico desde 1995. Na sequência da averiguação, nos anos de 2012 e 2013, nos Relatórios de atividades da 35ª e da 36ª Reunião Anual, não encontramos registros de comunicações. Em 2017, a 38ª reunião apresenta duas comunicações sobre EEQ, situadas em pesquisas realizadas em Minas Gerais (UFMG e UEMG), um deles citando as Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Em 2019, a 39ª reunião apresenta seis comunicações, com pesquisas realizadas em Universidades do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Mato Grosso (três) e Minas Gerais.

Não fizemos buscas em reuniões regionais, mas um levantamento preliminar nas Reuniões da ANPEd Sul e da ANPEd Sudeste, realizadas em 2020, aponta quatro trabalhos com temas relativos à formação docente, docência, identidade, interfaces com a Lei 10.639/03, destacando-se produções em Santa Catarina e Minas Gerais.

Uma busca pelas produções no Periódico da ANPEd, a Revista Brasileira de Educação, aponta um artigo publicado em 2012, nomeado “Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências”, que está em interseção com a comunicação apresentada na Reunião Anual realizada em 2011, por Shirley Aparecida de Miranda (UFMG). Em 2017, registramos outro artigo intitulado “Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto”, por Lourdes de Fátima Bezerra Carril (USP).

São escritas que indicam referências na interculturalidade e na descolonização dos currículos (Gomes, 2012). Destaca-se a autoria feminina nas produções acerca da EEQ. Tais escritas tendem a se adensar no encontro da ANPEd a ser realizado em 2021 e na medida em que intelectuais quilombolas e negras começam a concluir suas pesquisas e trazer a potência de suas epistemologias para o campo da Educação e suas agremiações.

### **A Produção Negra e Quilombola na ABPN**

A ABPN é a maior organização científica do país congregando pesquisadores negros/as nas distintas áreas de conhecimento. Fundada em 2000, a ABPN desponta no século XXI como uma organização sem fins lucrativos e apartidária, destinada à



defesa da produção acadêmico-científica e à criação de espaços materiais e simbólicos que priorizam os grandes temas relacionados às populações negras no Brasil. Buscando o fortalecimento profissional de seus pesquisadores/as, a ABPN criou a Revista da ABPN, um dos principais meios de circulação de produção científica de sócios e não sócios, prioritariamente negros/as. Desde sua criação, em 2010, a Revista da ABPN tem se qualificado e se consolidado como uma das mais impactantes publicações da comunidade científica brasileira e umas das poucas (se não a única) com foco em temas variados que ultrapassam as fronteiras de uma única área de conhecimento, materializando a pluralidade de ideias que a ABPN tem permitido aprofundar.

No entanto, apesar dos esforços dos últimos anos em congregar e fortalecer pesquisadores focados em dismantlar estruturas racistas no Brasil, na África e na Diáspora, constata-se a partir de uma busca direta na página *web* da Revista da ABPN que a categoria “educação escolar quilombola” está ainda pobremente tratada na Revista. Conforme a Tabela 1, apenas 14 estudos foram encontrados nesta temática entre 2010 e 2021. Levando-se em conta que as DCNEEQ foram implementadas em 2012, temos, desde então, uma taxa de 1.3 artigo por ano, o que é muito baixo. Apesar da estatística de baixos números, nota-se uma representatividade regional, já que há pelo menos um trabalho por região do país. Muitos dos trabalhos publicados são estudos de caso ou discussões/reflexões sobre atividades pedagógicas e oportunidades e desafios às gestões de secretarias de educação no que concerne a aplicação das DCNEEQ.

**Tabela 1. Lista de Artigos Publicados na Revista da ABPN, entre 2010-2021**

<b>Identificação</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano/Base</b>
1. Educação Escolar no Quilombo Santa Rita do Bracuí: avanços e desafios	Dayana Doria Vieira Maria (UERJ), Alice Rezende Gonçalves (UERJ)	2016. Rio de Janeiro. Estudo de caso. Políticas públicas.



Educação escolar, território e cultura quilombola: experiências, pesquisas e vivências	Roberto de Souza Santos (UFT)	2016. Tocantins. Estudo de caso. Formação inicial/continuada
3. Educação Escolar Quilombola em Belo Horizonte	Silvani dos Santos Valentim Eliete (NEAB/CEFET/MG), Pereira de Paula (MEC/SMED-BH)	2016. Belo Horizonte. DCNEEQ e políticas públicas.
4. Educação escolar quilombola: proposta de uma educação diferenciada	Maria Clareth Gonçalves Reis (UENF)	2016. Rio de Janeiro. DCNEEQ.
5. Educação escolar quilombola: processos de constituição e algumas experiências	Georgina Helena Lima Nunes (UFPel)	2016. Rio Grande do Sul. Historicidade. Formação de professores.
6. Educação escolar quilombola: experiência sobre formação de professores em Mato Grosso (Brasil)	Candida Soares da Costa (UFMT); Maria Helena Tavares Dias (UFMT); Zizele Ferreira dos Santos (UFMT)	2016. Mato Grosso. Formação de professores. DCNEEQ.
7. Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola “que vi de perto”	Shirley Aparecida de Miranda	2016. DCNEEQ
8. Conhecimentos tradicionais, ensino de História e desenvolvimento: Educação Escolar Quilombola em debate	Leandro Santos Bulhões de Jesus (UnB), Patrícia de Barros Marques (SEDUC/Brasília)	2017. Distrito Federal DCNEEQ.



9. (F)Ato de Resistência: fórum de Educação Escolar Quilombola de Sergipe e os Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas Quilombolas	Edinéia Tavares Lopes (UFS), Ângela Sales Andrade dos Santos (UFS), Maria Batista Lima (UFS), Evanilson Tavares de França (UFS)	2021. Sergipe. PPPs.
10. Relações étnico-raciais: entre práticas e discursos acerca da [in] dissociabilidade entre os conhecimentos socioculturais e o currículo da educação escolar quilombola no nordeste do estado do Pará – Brasil	Taylon Silva Chaves (UFPA), Raquel Amorim Dos Santos (UFPA)	2021. Pará. Práticas pedagógicas. Currículo.
11. Pensamento latino-americano, igualdade étnico- racial e educação superior: reflexões sobre a formação e a prática pedagógica de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola no Tocantins (Brasil)	Ana Lúcia Pereira (UFT)	2021. Tocantins. Estudo de caso. DCNEEQ.
12. De lupa na mão: uma lente sobre pesquisas acadêmicas que abordam a educação escolar quilombola em Sergipe	Evanilson Tavares França (Unicamp), Maria Batista Lima Unicamp, Josenilson Felizardo Dos Santos Unicamp	2021. Campinas, SP. DCNEEQ.
13. O impacto polítoterritorial de políticas afirmativas: reflexões acerca da educação quilombola	Maria Albenize Farias Malcher (IFPA)	2021. Pará. DCNEEQ. Territórios.
14. Educação escolar	Creusa Barbosa dos Santos	2021.





quilombola: interfaces, travessias e fronteiras da prática da pedagógica	Trindade (UEPA), Rosália Maria Ribeiro Aragão (UNICEUMA)	Pará. Práticas pedagógicas.
--	--	--------------------------------

*Nota.* A lista mostra trabalhos da categoria “Educação Escolar Quilombola”. Fonte: sítio web da Revista da ABPN, em 01/10/2021.

Os resultados acima apresentados podem parcialmente ser entendidos com base no perfil dos pesquisadores voltados à temática. Estudos levantados por nosso grupo na Plataforma Lattes de Currículos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) dão conta de que até março de 2021 havia 269 pesquisadores com doutorado registrados e associados, de alguma forma, à categoria “educação escolar quilombola” na Plataforma Lattes. Destes, 65% são do gênero feminino e, 35%, do masculino, o que, uma vez mais, ratifica o domínio feminino na área. O maior número de estudos concentra-se entre as áreas de Educação, Antropologia e Ciências Sociais. Embora haja 217 pesquisadores/as ligados/as a Grupos de Pesquisa do CNPq, apenas 11 têm Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ), com sete delas concentradas na área de Educação. Das 11 bolsas PQ, nenhuma delas é do nível mais elevado da categoria, isto é, 1A. Pesquisadores com mestrado, especialização ou graduação somam 450 pessoas. Por meio dos perfis analisados, nota-se que muitos pesquisadores não estão atuando permanentemente em instituições de nível superior e, dos que estão, infere-se uma presença baixa em programas de pós-graduação, a menos que não tenham registrado esta informação na Plataforma Lattes, o que é pouco provável.

Na ABPN, igualmente, constatamos que há uma ligação entre as temáticas discutidas durante os eventos (congressos nacionais e regionais) realizados em conjunto com o Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Grupos Correlatos

– CONNEABS, e a publicização trabalhos de suas/seus associadas/os, produzidos no decorrer dos anos de 2015 a 2021 por membros da Associação e versando sobre o tema.

Inicialmente, foi analisado o Banco de Teses e Dissertações da ABPN, espaço destinado à publicação e difusão da produção acadêmica das/os associadas/os, no  
Revista da ABPN | Janeiro – Fevereiro 2024 | V.15 n. 43 | 2024



qual realizamos a conferência de sete trabalhos (cinco dissertações e duas teses) desenvolvidas entre 2016 e 2019. Cabe ressaltar que a inclusão de teses e dissertações no Banco, se dá por solicitação das/os autoras/es, assim, é possível que tenhamos um número mais significativo de publicações em relação à quantidade de associadas/os que ainda não foram vinculadas/os, entretanto a análise nas bases do CNPQ e CAPES nos permitem compreender o todo da produção registrada.

A busca foi realizada em três categorias distintas (Tabela 2): Educação Escolar Quilombola (1), Educação Quilombola (1) e Quilombola/as (5). Os dados apresentam uma produção desenvolvida majoritariamente por mulheres, a partir de estudos realizados em Programas de Pós-Graduação nas áreas da Educação, Desenvolvimento Social e Meio Ambiente, Antropologia Social, e Química. Outro aspecto interessante é que a maioria dos trabalhos concentra suas análises no território do estado do Pará.

**Tabela 2. Lista de Teses/Dissertações Publicadas no Banco de Teses da ABPN, entre 2016-2019**

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Tipologia/Local/Ano</b>
1.Processos de mobilização quilombola: a ACONERUQ e o MOQUIBOM no Maranhão.	Igor Thiago Silva de Sousa	Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Florianópolis, 2016
2.“Não é só médico que cura, não é só a medicina que cura”: perspectivas Sobre saúde entre coletivos quilombolas no Marajó.	Cristina Maria Arêda-Oshai,	Tese (Doutorado em Antropologia) - UFPA. Belém, 2017

3.Territorialidade, saúde e meio ambiente: conexões, saberes e práticas em comunidades quilombolas de Sergipe	Roberto dos Santos Lacerda.	Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – UFS, São Cristóvão, 2017
4.Crianças quilombolas marajoaras: saberes e vivências lúdicas.	Érica de Sousa Peres	Dissertação (Mestrado em Educação), UEPA, Belém, 2018
5.Educação quilombola, resistência e empoderamento: estudo na comunidade quilombola de São Domingos em Paracatu- MG	Lara Luisa Silva Gomes Franco	Dissertação (Mestrado em Educação) – UFU, Uberlândia, 2018
6.Educação escolar quilombola: currículo, cultura, fazeres e saberes tradicionais no ensino de química	Marciano Alves dos Santos	Dissertação (Mestrado em Química) – UFG, Goiânia, 2018
7.O entrelaçar das memórias velhas e as brincadeiras de infância: um estudo na comunidade quilombola de Porto Alegre em Cametá-PA	Alessandra Pereira de Carvalho Veloso	Dissertação (Mestrado em Educação), UEPA, Belém, 2019

*Nota.* A lista corresponde a publicações nas categorias “Educação Escolar Quilombola”, “Educação Quilombola”, “Quilombola/as”.

Fonte: sítio web do Banco de Teses da ABPN, em 14/10/2021.

As pesquisas demonstram o constante e necessário diálogo da EEQ com temas inerentes aos campos da saúde, do direito territorial e da memória e da narrativa positivada de seus saberes. Reafirmam, assim, o papel importante que a EEQ e a EQ têm ao reacender as experiências de cosmo-percepção do território e o sentimento de pertença.

Na sequência, foram analisadas as produções no âmbito da EEQ e da EQ das três últimas edições do Congresso Nacional de Pesquisadoras/res Negras/Negros – COPENE, realizados nos anos de 2016 (IX COPENE - UEMS), 2018 (X COPENE - UFU) e 2020 (XI COPENE - UFPR), respectivamente. A busca se deu nos Anais



Eletrônicos, disponíveis no *website* da ABPN, a partir dos GT Simpósios e Sessões Temáticas (ST) que dialogam com a temática, tendo como critério de seleção aquelas produções que traziam os termos “EEQ” e “EQ” no título ou nas palavras-chave.

A nona edição do COPENE contou com dois GT: o GT 04 – ERER e EEQ no Brasil: interfaces e convergências, dilemas e desafios e o GT 09 – Educação Quilombola e Indígena no contexto da luta pela terra e preservação da memória. Ao analisarmos as respectivas produções, constatamos que de um total de 14 trabalhos inscritos no GT 04, sete versam sobre a temática e, dos sete inscritos no GT 09, um contempla a “EEQ”. O X COPENE apresenta um cenário diferente da edição anterior, os dois Simpósios Temáticos diretamente voltados às questões Quilombolas contemplam discussões nos campos da territorialidade, sustentabilidade, memória e ancestralidade, entretanto não é neles que encontramos a maioria das produções sobre “EEQ”, elas estão majoritariamente inclusas nos Simpósios que discutem a Educação para as relações étnico-raciais e as Políticas de Promoção da Igualdade Racial e também espalhadas entre aqueles que adensam nas questões da construção de saberes das comunidades e das pesquisas na Educação Básica. A mais recente edição foi a que menos apresentou propostas, tanto de ST quanto de trabalhos no âmbito da “EEQ”.

O XI COPENE apresentou o ST 01: “Quilombos e Quilombolas: intersecções entre educação, pesquisa, gênero, raça, classe, luta pela titulação das terras e políticas públicas”, mas, novamente, as duas publicações sobre “EEQ” estão em simpósios que versam de modo geral sobre Educação Básica e Popular, ERER e Currículo, ratificando a importante contribuição da “EEQ” para a preservação das técnicas tradicionais em seus territórios e evidenciando a não efetivação dela própria como um direito. Nas três edições analisadas destaca-se a potente produção de Mulheres Negras Mineiras.

### **Considerações Finais**

Compilamos resumidamente nossos achados de pesquisa até o momento, com quatro grandes considerações, capazes de evidenciar um movimento lento, mas que



tende a acelerar-se na perspectiva de rompimento do ciclo de espoliação e violência epistêmica sobre as ações e produções das populações negras e quilombolas no Brasil.

A primeira se refere ao fato de que a produção no campo da EEQ começa a se destacar, obviamente, pelo marco das Diretrizes de 2012, com a especificidade de analisar práticas educativas em desenvolvimento nas escolas que atendem comunidades quilombolas. Há uma recorrência de poucas autorias, teses em pouca quantidade e que se reproduzem em artigos em periódicos. Os indexadores são um desafio para que se possa afirmar com mais segurança tal apontamento, necessitando cruzamentos da produção em análise. Aqui chamamos a comunidade à reflexão sobre a importância dos indexadores presentes nos sistemas de informação bibliotecários como uma das ferramentas conceituais mais poderosas nacionalmente para a visibilização da produção de/sobre populações negras quilombolas e/ou invisibilizadas em bases de dados científicos e informações acadêmicas. Trata-se, também, nesse movimento, de refletirmos sobre a importância de descolonizarmos esses espaços de tratamento e organização de informações. O fato é que nós usamos os indexadores com tanta frequência que, por vezes, não paramos para refletir de forma crítica sobre a relevância da organização e representação da informação étnicoracial na preservação da memória do povo negro e sua importância no fortalecimento de políticas públicas como aquela relacionada à promoção da equidade racial no âmbito do projeto de EEQ diferenciada no Brasil.

Enquanto parece fácil pensarmos que de 2012-2020 houve poucas produções acadêmicas com foco na EEQ a partir dos indexadores problematizados no presente artigo, esta carência de informação também nos leva a refletir sobre os vieses e tendências que podem também contribuir para o acirramento deste problema flagrante. É preciso, assim, reconhecermos as tendências e os vieses que ainda temos ao interpretarmos a história a partir da perspectiva ocidental dominante. A indexação apropriada da produção científica voltada à temática da EEQ/ERER deve, portanto, ser ponto crítico a ser enfrentado e amplamente debatido na comunidade científica. Bibliotecários, pesquisadores e gerenciadores devem refletir sobre os objetivos dos sistemas de informação para o qual ele foi elaborado. Devem estar ao intento da linguagem dos usuários/as dos serviços de informação. Esse é um trabalho dinâmico



e integrado. O instrumento escolhido para padronizar e facilitar a entrada e a saída de dados em um sistema de informação terá o dever ético de dar voz, por meio da indexação apropriada, à rica produção de pesquisa voltada à questão da EEQ no Brasil.

Tais particularidades oportunizam maior precisão e eficácia na comunicação entre os/as pesquisadores/as/usuários/as e o sistema de informação. Lembramos que as palavras e a linguagem não são neutras e nem a-históricas. Há relações de poder expressas pela linguagem e, no caso das indexações, é preciso reconhecermos e desafiar as desigualdades subjacentes e inerentes aos nossos sistemas de classificação (Nascimento, 2019). Esses movimentos fazem parte da luta histórica quilombola contra as estruturas opressoras que, sem dúvida, afetam historicamente nossa consciência e nos orienta nas práticas e políticas atuais e futuras, rumo ao desmantelamento do racismo epistêmico (XXX, 2021; e referências lá citadas).

A segunda consideração aponta que a presença do debate específico da EEQ na ANPED ainda se faz no âmbito do GT de Educação das Relações Étnico-Raciais (GT 21), criado em 2001, com 40 grupos de pesquisa vinculados, mas nenhum com menção específica à EEQ. O primeiro levantamento nos sites das reuniões anuais da ANPEd mostra os informes sobre a construção das DCNEQQ, assim como um trabalho sobre o tema, em 2011; de 2002 a 2015 temos 12 trabalhos relacionados à EEQ (Santana *et al.*, 2016); em 2017 temos duas comunicações e, em 2019, temos seis trabalhos apresentados. Na revista da ANPEd, a RBE, encontramos um artigo singular sobre o tema (Miranda, 2012). Na ABPN, igualmente, há uma ligação entre as temáticas durante os eventos e a publicização de produções acadêmicas, com a conferência de sete trabalhos acadêmicos (dissertações de mestrado e teses de doutorado) produzidos por membros da Associação. Porém, observamos na Revista da ABPN e nos anais das últimas três edições do COPENE, um número maior de publicações do que na Revista RBE da ANPEd, o que nos leva a um apontamento hipotético a ser aprofundado: é ainda no seio das organizações negras, inclusive de pesquisa e produção acadêmica, o espaço de maior acolhimento e produção acerca da EEQ? Estes resultados também podem, parcialmente, apontar para a subrepresentação de pesquisadores negros quilombolas ocupando espaços de poder



nas universidades brasileiras, as quais são as responsáveis, em todas as áreas do conhecimento, pela massiva produção científica do país.

Consideramos, ainda, numa terceira observação, a inserção positiva da escrita de intelectuais quilombolas, como a doutora Edimara Gonçalves Soares, titulada em 2008 no mestrado e, em 2012, no doutorado; e a pesquisadora Givânia Maria da Silva, titulada no mestrado em 2012. Trata-se de uma intelectualidade que se preserva nas comunidades e no movimento social, construindo caminhos importantes de mediações

com educadores nas escolas e universidades, comprometidos com a implementação da política curricular obrigatória instaurada a partir de 2012, coadunada com o artigo 26 A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, criado pela Lei 10.639/03.

Todo esse movimento de produção acadêmica está ativamente mobilizado na perspectiva de uma educação diferenciada para pessoas quilombolas. Reiteramos que

[...] a educação quilombola e para os quilombolas deve-se constituir na perspectiva da diferença e da especificidade, posto que deverá atender ao plano da diferença constitutiva dos modos de existência dessas comunidades que se apresentam tão diversos no território brasileira e latino-americano (Santana *et al.*, 2016, p. 153).

Finalmente, destacamos a presença majoritária de mulheres negras nas produções acadêmicas sobre EEQ, com destaque positivo para a escrita de mulheres quilombolas. As mulheres negras estão na produção acadêmica e nos espaços políticos, construindo projetos educativos diferenciados, marcados pela liderança feminina enraizada na experiência afro-diaspórica brasileira. Para Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011),

[...] mulheres negras, hoje, buscamos nos educar para a liderança, tal como a entendem nossas raízes africanas: todo mundo deve ser um líder, [...] isto é, uma pessoa que contribui para o progresso e desenvolvimento de todos. Liderança neste caso implica educação escolar, acadêmica e sabedoria edificada no convívio com as comunidades de destino, a dos descendentes de africanos, a das mulheres (Silva, 2011, p. 96).

Concluimos essa análise, reiterando a referência analítica fundada na categoria cunhada por Nilma Lino Gomes (2017a) –*saberes emancipatórios* *construídos nas lutas sociais*, capaz de consolidar a observação do fato de que os



caminhos da intelectualidade negra e sua inserção na produção acadêmica forjaram o tratamento da EQQ no campo da Educação. São as lideranças femininas negras que imprimem, a partir de suas epistemologias, uma produção específica que desestabiliza e cria novas referências para as comunidades acadêmicas em diálogo com as experiências escolares, quilombolas e do Movimento Social.

As populações negras quilombolas possuem a singularidade de se inserirem no contexto de uma continuidade histórica vivida em seus corpos e territórios (Nascimento, 2021a), próprio da experiência afro-diaspórica brasileira, onde o problema da história do negro no Brasil se coloca como central: “quem somos nós pretos, humanamente?”

(Nascimento, 2021b, p. 39). Nosso texto busca contribuir com as narrativas acerca da educação numa perspectiva de história feita por mãos negras, tanto do ponto de vista do acontecimento das lutas quilombolas, quanto do aspecto do conhecimento produzido acerca destas.

### Referências bibliográficas

AQUINO, Mirian; ALVES, Vanessa. Organização, representação e informação étnicoracial: uma análise no OPAC da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. *Anais* [...]. Gramado: SNBU, 2012. p. 900-914.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 16/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12/2012.

GOLDENBERG, Mario. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Portal Geledés*, 3962, 2017b. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobreRela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 12/10/2021.

GOMES, Nilma Lino. Apresentação. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; REGIS, K.; MIRANDA, Shirley Andrade (org.). *Educação das relações étnico-raciais: o estado da arte*. Curitiba: NEAB/UFPR; ABPN, 2018. p. 13-17.



GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LIMA, Graziela dos Santos. *Cabeçalho de Assuntos de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MIRANDA, Shirley Aparecida de *et al.* Quilombos e Educação. In: SILVA, Paulo Vinicius; RÉGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida de (org.). *Educação das relações étnicoraciais: o estado da arte*. Curitiba: NEAB/UFPR; ABPN, 2018. p. 625-650.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Educação Quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 50, p. 369-383, 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo. In: RATTTS, Alex (org.). *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: RATTTS, Alex (org.). *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico*. Belo Horizonte: Letramento, 2019

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.

PLATAFORMA SUCUPIRA. Brasília, DF: CAPES, c2016. 2021. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 12/10/2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do “branco” brasileiro. In: RAMOS, Alberto Guerreiro (ed.). *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995. p. 215-240.

SANTANA, José Valdir Jesus *et al.* A Educação Escolar Quilombola na ANPED: análise da produção do GT 21 – Educação e relações étnico-raciais: cosmologias, territorialidades e políticas de quilombolas e de povos tradicionais (Dossiê). *Aceno*, v. 3, n. 6, p. 137-158, 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Entre Brasil e África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.